

FORMAS

FÓRUM DE MOBILIZAÇÃO E AÇÃO SOLIDÁRIA

O vírus imprevisível sequestrou radicalmente nossa rotina, e fazer analogia a um estado de guerra não é exagero. O impacto da crise sanitária na UFRJ exige respostas desafiadoras.

Na pauta, a implantação de aulas online como medida de redução de danos para milhares de estudantes cujo futuro imediato mergulhou em maré de incertezas.

No debate, são muitas variáveis. As interrogações começam na impossibilidade de se prever a duração da quarentena. Hoje é impossível contar os dias até o fim do isolamento social.

O Grupo de Trabalho da Covid-19 da UFRJ que, por óbvio, orienta as decisões do comando da universidade neste campo não tem essa resposta.

Outros aspectos envolvem a implantação de aulas virtuais. Um deles refere-se a limitações técnicas da rede, o acesso à banda larga. Está fora de cogitação a adoção de aulas remotas sem garantias para a inclusão de todos os estudantes.

Por fim, o centro do debate deve ser ampliado. A discussão vai além de aulas a distância para envolver as atividades remotas na UFRJ.

Nesse sentido, a abordagem exige vários ângulos sobre o impacto no trabalho de servidores, docentes e técnicos-administrativos. Como observou um professor, aula na internet não é igual a aula presencial. Haverá treinamento?

A situação se aplica aos técnicos-administrativos. Serão treinados para adaptação de suas funções ao novo desenho do seu trabalho?

Para agravar o quadro, no caso dos trabalhadores da UFRJ, uma discussão crucial ainda sem definição está colocada: a possibilidade de redução remuneratória que o governo quer impor a quem, por força de uma pandemia devastadora, se encontra na situação de trabalho remoto.

Fique em casa!

**AULAS
REMOTAS
SÃO DESAFIO
NA UFRJ**



#RevogaEC95 #AdiaENEM #ForaBolsonaro #RevogaPortaria34

COVID-19: TESTES AGORA COM AGENDAMENTO PELA INTERNET

☛ A falta de recursos até mesmo para custear passagens de voluntários é um dos problemas que o Centro de Triagem Diagnóstica para a Covid-19 da UFRJ enfrenta, mas os exames continuam sendo feitos, diariamente, das 8h às 13h, só que agora por meio de agendamento pelo link: <https://agendamento.coronavirus.ufrj.br>

O Centro de Triagem funciona em 10 salas do bloco N do Centro de Ciências da Saúde (CCS), por ser um local com boa ventilação. Antes da implantação do agendamento, atendia cerca de 400 pessoas/dia. Quando o trabalho foi iniciado, a positividade do vírus era de 5% do total dos testes diários. Atualmente, ultrapassa os 60%.

O trabalho no bloco N, que envolve mais de 60 voluntários, a maioria estudantes, é a ponta da pesquisa que está sendo desenvolvida pelos cientistas da UFRJ para desvendar a Covid-19 e oferecer novos protocolos de combate à doença.

A pesquisa começou a ser desenvolvida desde 16 de março sob a responsabilidade do Laboratório de Virologia Molecular do Instituto de Ciências Biológicas. O projeto é coordenado pelos professores da Faculdade de Medicina Amílcar Tanure e Terezinha Marta Castanheira.

Terezinha explica que no Bloco N do CCS é feito o prognóstico de profissionais de saúde do Complexo Hospitalar da UFRJ, da rede federal do município do Rio, dos hospitais municipais da Ilha do Governador, do Miguel Couto e também do Cer Leblon (Coordenação de Emergência Regional), e do Centro Municipal de Saúde Marcolino Candau, na Cidade Nova.

Ela informa as unidades selecionadas fora da UFRJ recebem alunos da universidade para treinamento em emergência e fisioterapia.

O Centro de Triagem também atende profissionais de outras áreas da UFRJ que estão no enfrentamento diário da crise, e estudantes do Alojamento e da Vila Residencial. Entre os trabalhadores estão os da Prefeitura Universitária, que atuam na distribuição de doações; vigilantes; trabalhadores dos laboratórios de química responsáveis, por exemplo, pela fabricação de álcool 70, entre muitos outros; e os terceirizados que atuam na limpeza.

Procedimentos

A dinâmica no Centro de Triagem exige trabalho in-

RENAN SILVA



MOMENTO DA TRIAGEM PARA TESTAGEM DO VÍRUS, NO BLOCO N

tenso. Por isso, o expediente de cientistas e voluntários começa cedo, às 7h15. O resultado do exame fica pronto em até três dias e a pessoa recebe em casa, por e-mail. O exame de quem trabalha na UFRJ também é enviado ao Departamento de Recursos Humanos da unidade de procedência do servidor.

A coordenadora de Biossegurança do CCS e responsável pela coleta docente da pesquisa, a professora de botânica da UFRJ-Xerém, Bianca Ortiz, e Terezinha, contam como é a rotina no Centro de Triagem, que segue um ritual.

As testagens são precedidas de uma mini palestra sobre o que vai acontecer, os procedimentos adotados e servem também para o esclarecimento de dúvidas. Depois da triagem, a etapa seguinte é a coleta de material. “Utilizamos o método padrão, o Swab Faringe, que consiste na coleta de secreção de cada narina com um cotonete longo, e que depositamos em meio apropriado para transporte até o Laboratório de Virologia Molecular, no bloco A do CCS”, explica Bianca Ortiz.

A professora Terezinha explica um ponto importante para a pesquisa: de algumas pessoas também é coletado sangue para uso no estudo mais completo sobre a produção de anticorpos ao vírus. Somente após a análise do sangue as pessoas são liberada.

Os especialistas insistem: “Fique em casa!”



AdUFRJ
PROFESSORES DA UFRJ

TER OU NÃO TER AULA @NLINE?

PROBLEMAS VÃO ALÉM DA BANDA LARGA. COLEGIADOS E ENTIDADE DEBATEM RETORNO DO ENSINO REMOTO



Ter ou não ter aulas virtuais? O tema dominou o último Conselho Universitário, dia 20, e já ocupa boa parte dos debates virtuais dos colegiados e entidades representativas. A discussão expõe diferentes posições da comunidade acadêmica, mas até agora não há uma decisão da UFRJ sobre como ou quando implantar um sistema online de ensino.

Faltam dados abrangentes. O serviço de informática da universidade fez uma pesquisa online aberta a todo o corpo social da UFRJ sobre a qualidade de acesso à internet e a opinião sobre o retorno das atividades remotas. O levantamento ainda está aberto.

Aproximadamente um terço da comunidade já respondeu à enquete. Dos 17.690 alunos de graduação que responderam ao questionário, 16.098 têm banda larga. Nos alunos de pós, o percentual chega a 93%. Entre os docentes, a taxa é ainda mais elevada – 98%.

“Evidentemente que há um vício de origem nesse questionário. Foi enviado pela internet e pode-se supor que apenas quem tinha acesso respondeu”, pondera a professora Eleonora Ziller, presidente da AdUFRJ. “Isso, no entanto, não invalida os recados que o levantamento oferece”.

O principal recado, na opinião da diretoria da AdUFRJ, é que a UFRJ precisar incluir os excluídos antes de recomendar as aulas. Significa que o retorno deve levar em conta três grupos: quem não tem banda larga em casa; os que não responderam ao questionário; os 18% de estudantes e 15% de professores que disseram ser contra o ensino remoto.

“Não queremos aulas somente para os que concordam

com ensino remoto ou apenas para quem têm boa conexão. Queremos aulas para todos. E isso é muito mais do que oferecer tecnologia”, resume Kemily Toledo, diretora da Associação de Pós-Graduandos.

As barreiras não existem apenas entre os estudantes. “Precisamos treinar os professores. Uma aula pela internet não é igual a uma aula presencial”, explica o professor Bruno Souza de Paula, coordenador de ensino a distância da PR-1. “Não podemos fazer EaD. Podemos fazer aulas remotas e, mesmo assim, precisamos pensar como resolver as disciplinas práticas”.

Outra questão importante é o treinamento dos técnicos. “Não há aulas apenas com professores e alunos. Os técnicos são fundamentais”, pondera Joana de Angelis, diretora do Sintufrj. “Essa não é uma equação fácil. Os mais vulneráveis, por exemplo, são os formandos de baixa renda que precisam se formar logo”, pondera a presidente da AdUFRJ. “Temos que enxergar essas nuances com calma”.

Em artigo publicado no Jornal da AdUFRJ, os professores Felipe Rosa (diretor da AdUFRJ) e Bruno de Paula, ressaltam que o retorno das aulas depende da equação qualidade e inclusão. “Posto que a quarentena universitária durará ainda muitos meses, como manter o nosso ensino de qualidade durante esse período de afastamento, sem que ele se torne excludente?”

Para saber mais sobre o debate, leia a última edição do jornal da Adufrj:

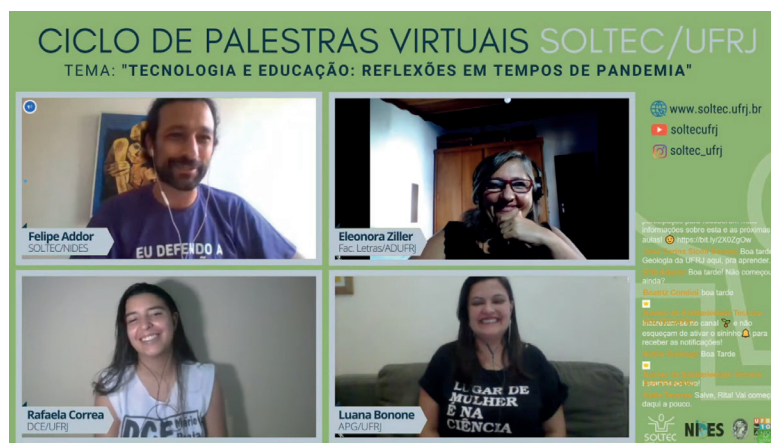
http://adufjr.org.br/images/WEB-STANDARD_1129.pdf

AULAS REMOTAS: UM DEBATE POLÍTICO SOBRE EXCLUSÃO E DEMOCRACIA

➤ A premissa do debate sobre o retorno remoto das atividades atualmente paralisadas, como as aulas, necessariamente deverá estar subordinado à discussão primordial neste momento, que é a garantia da vida. Temos certeza de que é consenso em todos os espaços de debate na UFRJ, que a vida vem antes da produtividade acadêmica. Essa foi uma das preocupações compartilhadas no debate “Tecnologia e Educação: reflexões em tempos de pandemia”, organizado pelo Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ (Soltec/UFRJ) com a Adufrj, APG/UFRJ e o DCE Mário Prata.

Por esse motivo defendemos que o retorno às atividades de ensino seja integralmente remoto em períodos de isolamento físico e social, e que seja iniciado após o pico da pandemia no Estado do Rio de Janeiro, conforme compromisso assumido pelo vice-reitor Carlos Frederico Leão Rocha, em reunião do CEPG, em 15 de maio. O intuito é reduzir o impacto sobre a saúde mental do corpo social da universidade. Assim, entendemos que não está em debate voltar às aulas na semana que vem.

Ademais, a percepção que defendemos é que o ensino remoto deve ser entendido como um DIREITO de estudantes e professores e não como OBRIGAÇÃO. Ressaltamos isso, pois defenderemos a possibilidade de trancamento especial de disciplinas pelos alunos e outras regras que permitam o acompanhamento das aulas para grupos que hoje teriam dificuldades.



ENTIDADES DEBATEM TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO COM O SOLTEC/UFRJ

Como é imprevisível quando aglomerações serão uma realidade em nossas vidas novamente e sensíveis às demandas de discentes e docentes, por uma educação democrática, insistimos que o retorno às atividades acadêmicas só ocorra sob os princípios da inclusão e da qualidade, e necessariamente submetido ao debate da vida, da saúde em primeiro lugar. Além disso, qualquer decisão precisa passar pelo diálogo democrático com as entidades representativas do corpo social da universidade.

! NOTA

APG ELABORA MANUAL SOBRE PRORROGAÇÃO DE BOLSAS E PRAZOS

➤ No intuito de centralizar as informações dispersas relativas à prorrogação de bolsas e prazos de defesa, a APG elaborou um Manual para valer durante a pandemia do novo coronavírus.

O manual informa sobre a prorrogação das bolsas junto às principais agências de fomento de pesquisa, bem como sobre as decisões no âmbito da UFRJ em relação a contagem dos prazos para defesas de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de lato sensu e exames de qualificação.

Tudo que está no manual é resultado da forte mobilização do Movimento Nacional de Pós-Graduandos (MNPG), da Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) e da APG UFRJ nos espaços internos da universidade.

**Acesse o manual pelo link: bit.ly/manualdeprazoesebolsas
Divulguem para todos essa informação.**



A DESIGUALDADE ENFRENTADA PELOS TERCEIRIZADOS NA UFRJ

☛ Muitos autores que se estuda na UFRJ mostram que nossa sociedade tem uma ampla desigualdade entre os ricos (empresários, banqueiros) e os trabalhadores pobres. Os ricos têm muitos direitos e vivem da exploração do trabalho da maioria pobre. Eles (os ricos) têm a legislação, o dinheiro e a estrutura que a maioria não tem. Com o novo coronavírus a situação só piorou.

Neste contexto está incluída a terceirização, aqui, na UFRJ: terceirizados x empresas. Em um cenário que designa as diferenças de classes sociais, educacionais e culturais existentes no campo do trabalho.

Os terceirizados sempre tiveram a força, fizeram lutas para garantir direitos na universidade, mas tudo é feito para que esqueçamos disso. A maioria de nós



RENAN SILVA

TERCEIRIZADOS: A FACE CRUEL DO CAPITALISMO

não possui conhecimentos sobre leis para lidar com as empresas capitalistas. Além disso, vivemos com os assédios, preconceitos e racismo crescentes e sutis instalados de forma vergonhosa, constringendo o terceirizado. O objetivo desses patrões é que sem a conscientização da força que os trabalhadores têm, consigam nos tornar escravos da terceirização.

Somos vistos como trabalhadores invisíveis, desprovidos de direitos e igualdades. Colocados à margem. Salários abaixo das nossas necessidades, carga horária diferenciada, locais proibidos de entrar ainda que de livre acesso a todos. Somos vistos com olhar diferente e inferior dos demais trabalhadores do local.

Um caminho para superar esse problema é a comunidade da UFRJ se unir, como no FORMAS. Estudantes, servidores e terceirizados juntos podem defender a universidade, conquistar direitos e impor que os patrões nos respeitem. A Attufrj foi criada com esse objetivo e vamos continuar na luta para que o terceirizado seja valorizado e consigamos vencer a terceirização.

! NOTAS

REITORIA AINDA NÃO RECEBEU A ATTUFRJ

☛ Mesmo com o aumento de casos de contaminação e de mortes pela Covid-19 entre a comunidade universitária, muitos terceirizados continuam com seus salários e benefícios cortados e a Reitoria ainda não recebeu a direção da Attufrj. Reforçamos a necessidade de que haja diálogo com os terceirizados para que os efeitos desta pandemia diminuam na vida das mais de três mil famílias, que têm passado por todo tipo de dificuldades. Muitos já estão vendo o drama da fome e da doença se aproximar. É urgente que a UFRJ, junto com a nossa associação, consiga chegar a uma solução para os problemas que os terceirizados estão passando.

APOIE A ATTUFRJ NESTA CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE!

☛ Desde o início da pandemia iniciamos uma campanha de solidariedade para receber doações em dinheiro ou cestas básicas para apoiar os terceirizados sem pagamentos ou demitidos durante essa crise viral. Até o momento foi possível socorrer 80 famílias, com o apoio da Adufrj e do DCE. Ajude você também nessa corrente de solidariedade. Doe qualquer valor para a seguinte conta:

AGÊNCIA: 1517-2
CONTA CORRENTE: 22784-6
ROBSON DE CARVALHO – BANCO DO BRASIL



REUNIÃO
MINISTERIAL
EXPÕE O ÓDIO
DOS FASCISTAS
AO POVO

REUNIÃO MINISTERIAL EVIDENCIA A URGÊNCIA DO FORA BOLSONARO!

☛ O vídeo divulgado na sexta-feira, 22 de maio, da reunião ministerial de 22 de abril, deixa ainda mais evidente o caráter fascista de Bolsonaro e seus aliados. Ao longo da reunião, que foi realizada já em um período de pandemia do coronavírus, o presidente e os ministros não apresentaram nenhuma proposta que visasse resolver os problemas do povo e atenuar a grave crise de saúde em que o país se encontra. Pelo contrário, promoveram diversos preconceitos, demonstraram o desejo de sair do isolamento social e de tocar ainda mais medidas antipovo.

Como exemplos dos absurdos falados durante a reunião, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, deixa clara a sua intenção de aproveitar a pandemia para destruir a Amazônia; a ministra dos Direitos Humanos, Damares Alves, ameaça prender prefeitos e governadores que discordarem das deliberações do governo Bolsonaro; e o próprio presidente ameaça intervir na PF caso não

obtivesse informações suficientes para proteger a si, sua família e seus amigos das investigações de crimes cometidos por eles.

Ainda, reafirmando a urgência da luta pelo #ForaWeintraub, o ministro demonstra mais uma vez a sua aliança com Bolsonaro como um dos principais inimigos do povo, ao dizer que odeia o termo povos indígenas e ao declarar que, por ele, mandava prender os ministros do STF.

Tudo isso só reforça a importância da mobilização contra esse governo, do #ForaBolsonaro e do pedido de impeachment protocolado no dia 21 de maio por mais de 400 movimentos sociais, entidades e partidos contra o presidente Jair Bolsonaro, que fortalece a luta necessária pela retirada imediata deste governo!

**Fora Bolsonaro! Fora Weintraub!
Impeachment já! Por um governo popular!**

! NOTA

OPERAÇÕES POLICIAIS CONTINUAM FAZENDO VÍTIMAS EM COMUNIDADES

☛ Em meio à pandemia viral que modificou a realidade de vida de todos brasileiros, impondo maiores dificuldades socioeconômicas, o governador Wilson Witzel mantém sua política de terror e extermínio dentro das comunidades do Rio. Entre as vítimas mais recentes desses brutais assassinatos causados por operações policiais desastrosas, estão jovens como João Pedro e pessoas que realizavam trabalhos comunitários de entregas de cestas básicas.

O DCE manifesta sua solidariedade e apoio aos familiares das vítimas e a todos que moram nas regiões onde essas operações são realizadas. É inadmissível que o Estado continue promovendo a matança de pobres e negros. Chega de genocídio!

FORMAS



FÓRUM DE MOBILIZAÇÃO E AÇÃO SOLIDÁRIA

EXPEDIENTE:

SINTUFRJ

SINDICATO DOS TRABALHADORES
EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

AdUFRJ

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES
DA UFRJ

APG

ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUANDOS
DA UFRJ

DCE

DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES
DA UFRJ - DCE MÁRIO PRATA

ATTUFRJ

ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES
TERCERIZADOS DA UFRJ

EDIÇÃO

ANA BEATRIZ MAGNO (AdUFRJ)
ANA DE ANGELIS (SINTUFRJ)

REPORTAGEM

ANA DE ANGELIS (SINTUFRJ)
KELVIN MELO (AdUFRJ)

CRIAÇÃO DA MARCA

EDILSON MARTINS (SINTUFRJ)

PROJETO GRÁFICO

ANDRÉ HIPPERTT (AdUFRJ)

DIAGRAMAÇÃO

JAMIL MALAFAIA (SINTUFRJ)



INSTAGRAM

@formasufrj
instagram.com/formasufrj



FACEBOOK

/formasufrj
facebook.com/formasufrj